



REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; G. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Zil*, versos, por F. B.;—*Uma canção grega*, por Alberto Pimentel;—*Castello romantico*, versos, por Alberto Osorio de Castro;—*Uma viagem na Hespanha*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*Pagã*, soneto, por José Newton;—*As tres grinaldas*, conto, por Eugenio de Castro;—*Os excentricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*As nossas gravuras*;—*Duendes*, versos, por Accacio Paiva;—*O israelita*, por Francisco de Noronha;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A Mathilde do Padre*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Cardeal Jacobini*;—*Dr. Sant'Anna Nery*;—*Um desgosto*;—*Descida do batão «Ville d'Orléans», no monte Lid, na Noruega*;—*Francisco Rocchini*.

Se o pensamento que presidiu á elaboração da lei eleitoral, no tocante a eleições por acumulação, foi muito outro, pensou-se uma refinadissima tolice.

A grande massa dos eleitores não quer saber em

CHRONICA

Sob a minha palavra de honra lhes affirmo que não me apresento candidato a deputado por acumulação.

E se é preciso formular juramentos solemnes que garantam a verdade da minha affirmativa, juro-o por esta +.

Andou-se ahi recrutando gente anonyma para receber os suffragios accumulados do paiz, e vieram perguntar á Chronica se ella queria um quinhão da offerta. A Chronica, porém,—modestia aparte—não se julgou ainda bastante anonyma para merecer tamanha honra, e recusou-se terminantemente a aceitar-a.

Pois não foi por falta de pedidos e de empenhos: houve-os de todas as procedencias e de todas as gradações, como se se tratasse d'um *casus belli*.

E em boa verdade lhes digo: não ha nada como apresentar ao voto do eleitor indigena um candidato que ninguem conheça. O desconhecido seduz e attrahe. O ignoto fascina e prende.



CARDEAL JACOBINI

quem vota, para votar com maior filé, assim como a maior parte da gente não gosta de saber o que lhe dão em casa para jantar, na expectativa de comer com mais appetite.

Compreendeu-o assim, por exemplo, o triumvirato dirigente do partido regenerador, e compreendeu-o muito bem, com um alto criterio politico, com sciencia e consciencia.

E foi por esta elevada comprehensão das tendencias do eleitor, a quem o vago delicia e encanta, a quem o desconhecido attrahe e fascina com as seducções d'uma reluzente miragem, que o tal triumvirato só cuidou de recrutar candidatos anonymos. Nunca as mãos lhe dão.

Verdade seja que o governo fez exactamente o mesmo: *ejusdem farinae*. Em materia eleitoral, as opposições estão-se mostrando dignas do governo, o governo digno das opposições, o paiz digno d'um e d'outras, e os deputados dignos do paiz que os elege.

E' por isto, sem duvida, por esta perfeitissima identificação entre ministeriaes e opposicionistas, eleitores e eleitos, por este accordo tacito entre votantes e votados, que em vez d'uma batalha cruenta, ferida no campo das urnas, *ubi Troja fuit*, nos dão um dia de eleições calmo e sereno, sem movimento de tropas, nem sangue a jorros, nem carneiro com batatas; a paz podre dos dias ordinarios; o charco estagnado da vida quotidiana, em que não palpita o entusiasmo vibrante das luctas titanicas e gigantesas.

E como havia de haver lucta, como havia de haver enthusiasmos intensos, se a pobre patria—uma engeitadinha ignorada e misera—não conhece os paes que elege?

Depois,—conforme disse na minha ultima chronica—estamos entrados pela Quaresma dentro, e a Quaresma não é quadra azada para grandes orgias pantagruelicas de carneiro com batatas e vinho do Termo: é um periodo de penitencias e jejuns, em que as leis canonicas mandam cada qual confessar-se, comer de magro e torturar o corpo com cilicios.

Nas egrejas, onde a urna eleitoral se levantou, com a sua bocca escancarada, para engulir suffragios aos milhares, ergue-se tambem o confissionario negro e solemne, em cujos escaninhos discretos as filhas de Jesus vão depôr, aos pés d'um reverendo tonsurado, todos os peccadinhos mofinos que lhes agitam as consciencias escrupulosas.

Nos altares, escondidos por detraz das tapeçarias roxas e symbolicas, os santinhos da côrte do ceu dormem, até á Alleluia, um somno reparador e tranquillo.

Das naves sombrias dos templos do Senhor evolase um mystico perfume de rosmaninho e incenso.

Ora, aspirando este perfume, que lhe fallava das coisas sagradas, collocado diante dos santinhos que dormitam e das filhas de Jesus que se confessam, o eleitor não pode—vedavam-lh'o os seus principios religiosos—desentranhar-se em manifestações politicas barulhentas, nem dar vasão aos seus impetos de decilitrar e comer de carne á farta.

D'ahi, além das rasões anteriormente expostas, a paz podre que ahi se observou nos varios collegios electoraes da Parvonia.

E—vamos apostal-o—os novos eleitos do povo hão de resentir-se da quadra em que fôram gerados, trazendo todos o cunho da Quaresma lacrimosa, sahindo do fundo da urna para a vida politica em cheiro de santidade, com olhos beatificadores, gesto seraphico, contas na mão e borracha á cinta.

Quando algum pedir a palavra em S. Bento, não fará um discurso, rezará uma antiphona; quando qualquer d'elles abrir a bocca no seio da representação nacional, não será para advogar os interesses do circulo respectivo, será para dizer solememente, acolytado pelo collega da esquerda:—*Introibo al altare Dei*.

Só ecclesiasticos, diz-se que vêem mais de meio cento á Camara. O Sacro Collegio em peso, de estola e mitra. Aquillo não vae ser uma Camara de deputados, vae ser um *Flos-sanctorum*. Ao menos, os progressistas teem esta grandissima virtude, que os absolve dos seus negros pecados:—gostam de morrer nas mãos de Deus, com todos os sacramentos da Santa Madre Egreja.

E já que pelas coisas da Egreja divagamos, não ficará sem registro a procissão do Senhor dos Passos da Graça, d'aquella veneranda imagem angustiada, a quem a carolice lisboeta inflige todos os annos o tormento de passeiar uma vez até S. Roque, vestindo-a primeiro de ponto em branco e limpando-lhe do calcanhar divino a crosta negra e immunda, impressa pelos beijos viscosos das velhas devotas tabaqueiras.

Realizou-se a procissão, segundo a antiga usança. Depois de coroado de espinhos novos, envergada a tunica, feitas as lavagens do estylo, e mudada a camisa suja, de 365 dias,—o que, seja dito de passagem, não abona muito o aceio da irmandade respectiva—a imagem do Nazareno percorreu as ruas de Lisboa procissionalmente, em passeio de ida e volta, por entre alas compactas de povo embasbacado e reverentissimo.

Como é d'uso, a banda da municipal tocou marchas funebres; as janellas do Chiado e S. Roque transformaram-se em paineis das onze mil virgens; e do ceu pardacento caíram inesperadamente, sobre as cabeças descobertas dos portadores de Jesus, uns borrifos intempestivos, que de certo lhes haveriam feito esfriar muito os enthusiasmos pelo divino, dando-lhes ganas de depôr sobre o macadam o precioso fardo e de enfiar pela escada mais proxima. Só os borrifos do ceu é que não estavam no programma: o mais estava tudo, como nos annos preteritos, e tudo foi cumprido á risca, desde a exhibição indispensavel do nobre duque d'Albuquerque e quejandos devotos *di cartello*, até aos *salsifrés* com que é da praxe coroar aquella sexta-feira, no interior das familias da Baixa.

E não se diga que o Senhor dos Passos já não sabe fazer milagres. D'esta vez, fel-os, e assombrosos. Deixou fugir Pedro Soriano ás justças d'el-rei, e animou as nossas forças a occuparem Tungue, transformando em blandicias suaves as iras leoninas do sultão de Zanzibar, S. alteza Berghash Ben Said.

Verdade seja que o primeiro milagre valeu-nos uma epistola descabellada da irmã de Soriano, no *Diario Illustrado*, e o segundo uma descompostura formidavel dos inglezes, no *Times*.

Mas a estas cartas e a estas descomposturas estamos nós já affeitos.

Muito mais descomposto tem sido o sr. Marianno de Carvalho, e todos ahi o vêem são como um pero!

SANTILHANA.

ZIL

Não é saudade, não, que por ti sente
Na dor que o dilacera este meu peito.
Julguei-te das demais muito diffrente
E ver-te assim descer do meu conceito...!

Como podeste, diz, rosa cahida,
Pensar um dia, que este amor-loucura
Havia sempre illuminar-te a vida?
Não se une a aurora com uma noite escura.

Hoje, ao ver-te passar, eu paro e scismo.
E digo a Deus:—«Senhor, pois que lhe deste
Um corpo assim, esculptural abysmo,
Se uma alma tão pequena lhe pozeste?!

F. B.

UMA CANÇÃO GREGA

O conde de Marcellus recolheu de 1816 a 1820 muitos dos cantos populares da Grecia, que traduziu para francez e foram publicados em 1860 pela casa editora Michel Levy Frères, de Pariz.

A Grecia estava então n'um periodo de grande vitalidade politica, favoravel ás expansões do espirito nacional. Em 1820 reventára a insurreição, que a principio fôra condemnada pela diplomacia, mas que depois encontrára protecção no tratado de Londres. A alma da Grecia moderna vibrava pois em sonhos de independencia, cantava hymnos de liberdade, floria em canções frementes que brotavam de uma primavera de sentimento nacional.

Toda a gente conhece a epopea grandiosa da emancipação da Grecia. E', para assim dizer, um facto de nossos dias. Toda a gente sabe que a opinião publica da Europa se impressionára profundamente com essa guerra, em que lord Byron exposera a vida heroicamente.

O conde de Marcellus teve como auxiliar, na sua colheita de cantos nacionaes hellenicos, o poeta Christopoulos, que lhe dizia, referindo-se á musa popular: «Foi ella que conservou as tradições da nossa resistencia a uma longa servidão. E' ella que prepara a nossa independencia. E' ella que alimenta o patriotismo e a coragém das nossas montanhas já meio independentes; é ella que envia um écco de si mesma até ás nossas ilhas mais escravizadas; é ella, finalmente, que nos inicia na liberdade.»

O conde de Marcellus, depois de alludir aos cantos heroicos recolhidos junto ao Pindo e na visinhança de Suli, que traduziam as primeiras scintillas do fogo sagrado da independencia, depois de se referir ás canções klephtas, que soavam a seus ouvidos como outros tantos éccos das florestas do Olympo e dos montes Geranios, falla dos cantos diversos que recolhera nas ilhas do Archipelago, ouvidos aos marinheiros, que chegavam de toda a parte, e ás raparigas gregas, cuja belleza recorda ainda hoje os primores da estatuaria antiga.

Entre os cantos e as serenatas do amor, recolhidos da tradição grega, o conde de Marcellus publica a traducção de uma graciosa canção popular, que reproduzimos na sua propria traducção:

L'AMOUR DÉCOUVERT

O jeune fille! quand nous sommes embrassés, il était nuit; qui nous a vus?

La nuit nous a vus, et l'aurore, l'étoile et la lune.

L'étoile s'est abaissée et l'a dit à la mer. La mer l'a dit à la rame; la rame au matelot;

Et le matelot l'a chanté à la porte de sa belle.

Quando lemos esta canção no livro do conde de Marcellus, já a conheciamos. Mas estimamos saber que era uma canção popular da Grecia, porque erradamente a reputavamos como composição original do poeta allemão Chamisso, de origem franceza, que viveu de 1781 a 1838.

José Gomes Monteiro, publicando em 1848 os *Eccos da lyra teutonica*, inseriu n'essa interessante collecção o *Segredo revelado*, de Chamisso. Ora a poesia de Chamisso é a canção grega que o conde de Marcellus intitula *L'amour découvert*.

A versão de Gomes Monteiro diz assim:

Nós de noite nos beijamos,
E ninguem nos espreitára;
Só no céu astros luziam,
Quem n'elles se não fiára?

Mas cahiu formosa estrella
E ao mar nos accusou,
Foi dizel-o o mar ao leme,
Ao piloto este o contou.

O piloto logo em terra
Foi contal-o á sua amiga;
Já não ha rapaz da rua
Que não cante esta cantiga.

Parece-nos licito chegar á conclusão de que, á semilhança do que fizera entre nós Garrett, o poeta allemão Chamisso se inspirára da canção grega, que elle proprio recebera directamente ou que encontrou transmittida pela cadeia tradicional que liga entre si as canções populares.

Haviamos achado encantadora de simplicidade sentenciosa a poesia de Chamisso, que suppunhamos original, e por isso mesmo inviolavel.

Mas averiguado que a paternidade d'essa canção não pertence a um só homem, por isso que pertence á humanidade, todos teem o direito de glosal-a; e é na posse d'esse direito que nos permittimos o desenfado de reproduzil-a:

Quando nós beijos trocamos,
Era de noite, meu bem.
E nem sequer suspeitamos
Que nos visse então alguem.

Mas o ceu, cheio d'estrellas,
Nossos beijos descobriu.
Quem não se fiára n'ellas!
Vai uma estrella e cahiu.

Essa estrella chocalheira
Quanto viu, quanto contou
Sem mais demora á primeira
Onda que, emfim, a apagou.

Mau fado que nos fadava
N'aquella noite de estio!
N'essa occasião passava
N'aquella mar um navio.

A onda, como traidora
Que nenhum castigo teme,
D'este segredo senhora,
Quanto ouviu, contou ao leme.

O leme, de acostumado
A contar tudo ao piloto,
Contou-lhe o que foi passado,
Pois cahiu em sacco roto.

O pi'oto, vindo a terra,
Contou tudo á sua amada.
Quando uma pessoa erra,
Deve ser acautelada.

Que poeta se não honraria de poder subscrever esta canção, tão singela e tão sentenciosa, tão maliciosa e tão delicada!

E' que não ha poeta, por maior que seja, que possa medir-se com o povo!

ALBERTO PIMENTEL

CASTELLO ROMANTICO

(A EÇA DE ALMEIDA)

Dos rubis da tua bocca
E do oiro do teu cabello,
Levantei, dentro do peito,
Um deslumbrante castello,

Onde, á bocca das setteiras,
Tantas como os nossos beijos,
Vela de noite e de dia
O bando dos meus desejos.

E quando o Tedio vier
Cercar a torre fulgente,
Rainha, tu has de vêr
Como se bate na frente

E renasce a cada golpe
A minha gente aguerrida,
Cobrando apoz a requesta
Maior tempera de vida.

Na ponta aguda da lança
D'uma caricia, has de vêl-as,
A's minhas tropas, reporem,
Toda picada d'estrellas,

A azul flammula do Sonho,
No alto d'esse castello
De rubis da tua bocca
E de oiro do teu cabello!

(Das Verbenas).

Coimbra, 1887.

ALBERTO OSORIO DE CASTRO.

UMA VIAGEM NA HESPAÑHA

III

É um interessante capítulo o que se refere ás provincias-Vascongadas. Nada ha effectivamente que mais captive o espirito, n'esta epoca de chata banalidade e de uniformidade de costumes do que esse paiz estranho que se conserva afferrado ás suas tradições por traz do seu baluarte de montanhas, que defende com inquebrantavel heroicidade os seus fóros, o seu rei e o seu Deus. O sr. Anselmo de Andrade promette-nos um livro em que estude mais pausadamente os Vasconsos e os numerosos problemas glottologicos e ethnologicos que com este povo se relacionam. Venha elle, que já podemos agourar que será um bom livro.

Com o dom especial que o sr. Anselmo d'Andrade possui de apanhar as notas características, bastam-nos as vinte paginas do seu capítulo para formarmos uma idéa completa d'aquella região especial, com a sua frescura deliciosa, com as suas paizagens pittorescas, apertada entre a montanha e o mar, que são os fundos ideaes de toda a paizagem verdadeiramente impressionadora; com a sua população especial, mas no fundo prosaica, porque não se encontram n'aquelle povo os ideaes epico-lyricos das populações do sul. Acontece isso em toda a parte; a Galliza e as Vascongadas, da mesma forma que a Beocia nos paizes hellenicos, ao passo que despertam na imaginação, com a frescura das suas paizagens e com o caracter tradicionalista dos seus habitantes, o pensamento de um elevado ideal poetico, teem na realidade um ideal terra-a-terra, burguez e prosaico. São as tribus jonias que imaginam as epopeas homericas com o seu largo ideal; a Beocia tem a epopéa hesiodica com o seu caracter antes sacerdotal que religioso, com o seu ideal de vida pratica e positiva tão característica das *Obras e Dias*.

Fallando-nos das cidades vasconças, pinta-nos o sr. Anselmo de Andrade o aspecto encantador de S. Sebastião, e lembra acertadamente que dormem n'aquelle chão tão regado de sangue bastantes corações portuguezes. Diante das muralhas de S. Sebastião devia o sr. Andrade ter lido um trecho classico inglez, o *Assalto de S. Sebastião da Historia da guerra da Peninsula* de Napier, trecho que apparece em varias selectas inglezas, e o seu coração patriotico teria palpitado com mais força ao ler a descripção da marcha a passo de carga de dois batalhões portuguezes, que avançaram para as muralhas com uma tal intrepidez, debaixo do fogo terrivel das baterias francezas, que os impassiveis soldados britannicos romperam em applausos, e a sua viva imaginação ter-lhes-hia pintado deante dos olhos os nossos pequenos caçadores da Beira, caminhando a marche marche, e pensando lá consigo que era necessario manter bem firme diante d'esses *beefs* e d'esses *carambas* a honra do nome portuguez. Bastantes lá ficaram a adubar a terra hespanhola com os seus cadaveres, e foi-nos devéras agradável o ver que o sr. Anselmo de Andrade consagrara aos nossos valentes compatriotas uma recordação piedosa.

Segundo nos diz o sr. Anselmo de Andrade, "o governo hespanhol procura de todos os modos trucidar a lingua vasconça, prohibindo que a ensinam, e castigando os que a fallam. É assim que se procura sempre matar as nacionalidades. É essa a tarefa que o governo allemão está empreendendo na Alsacia-Lorena, mas sem exito, como o provaram as ultimas eleições, em que todos os circulos eleitoraes das provincias arrancadas á França mandaram ao Reichstag deputados do partido francez.

Mau signal é esse comtudo para a hespanholisação das Vascongadas. A lingua é effectivamente o laço mais poderoso das nacionalidades, mas, quando tem de se impôr á força, o resultado é funesto. A França n'esse ponto é bem mais feliz; alli, as pequenas patrias fundiram-se completamente na grande, sem perderem comtudo a sua individualidade. O voluntario bretão morria intrepidamente pela patria franceza sem perceber o francez; o alsaciano mal se entende com os outros francezes e vota contra os allemães, e combate contra os allemães, cuja lingua falla; o provençal adora o seu dialecto, conserva-lhe cuidadosamente as prerogativas litterarias, e ainda ha pouco o poeta Mistral fez na lingua da Provença o seu discurso de recepção na Academia de Marselha, mas na lingua da sua terra não exprimio senão sentimentos de apaixonado amor pela grande patria franceza. Triste situação a de um governo, que precisa de matar os dialectos provinciaes ou as linguas com que os filhos das diversas raças se crearam para lhes insufflar o sentimento nacional; é o mesmo que pretender assentar o amor da patria sobre as ruinas do amor da familia.

É a proposito da lingua das Vascongadas permitta-nos o sr. Anselmo de Andrade que lhe perguntemos porque é que substitue a velha palavra portugueza de «lingua *vasconça*» pela de «lingua *vascuense*»?

— Não vemos a necessidade da innovação, da mesma forma que

não percebemos porque é que dá o nome hespanhol de *Amberes* á cidade belga a que nós chamamos Antuerpia ou Anvers.

Uma das coisas que tornam mais inte.essante o livro do sr. Anselmo de Andrade é o conduzir-nos a sitios, que os viajantes habitualmente não procuram.

É assim que nos leva a Saragoça, e que nos faz assistir ás curiosas festas da Senhora do Pilar com o seu aspecto medieval, mostrando-nos ao mesmo tempo a velha cidade com as suas ruas tortuosas, escuras e estreitas, que tanto favoreceram a heroica defeza de Palafox.

É a proposito d'isso não nos explicarão o motivo porque é que o nome de Palafox passou para a nossa linguagem portugueza como synonymo de fanfarrão?

Pois o heroico adversario de Lannes nada tinha de bravateador, e os Francezes á sua custa o aprenderam.

Supponmos que n'alguma peça de theatro escripta por esse tempo—e muitas houve que aproveitaram o heroico assumpto—o heroe se entregava em scena a bravatas e a declamações, que seriam sublimes em Saragoça debaixo do fogo dos Francezes, mas que pareceriam ridiculas na rua dos Condes, quando o actor só tinha que se defender do ataque de meia duzia de comparsas, assalariados a seis vintens por noite.

E sobretudo, se as peças eram hespanholas, seriam taes as bravatas que ninguem poderia resistir á gargalhada.

Bem heroico é o famoso aventureiro catalão Roger de Flor, mas não ha seriedade que resista a esta phrase que lhe põe na boca o famoso D. Antonio Gutierrez, na peça que tem por titulo o nome d'esse heroe.

Atiro pela janella
Palacio e governador

Saindo de Saragoça leva-nos o sr. Anselmo de Andrade ás margens do Mediterraneo e faz-nos percorrer as cidades do littoral. A sua apreciação de Barcelona deve ser perfeitamente exacta, porque é perfeitamente applicavel ao Porto, com que a compara. Todas as suas observações a respeito d'essas cidades onde predomina o elemento burguez, cidades trabalhadoras e liberaes, que fazem as revoluções justas e ordeiras e nunca as insurreições estouvadas, são perfeitamente sensatas.

A firmeza nas resoluções tomadas caracteriza Barcelona, e é tambem característica do Porto. Na primeira visita que fiz a esta cidade observei e contei, nos meus *Contos e Descripções*, o seguinte facto: Notára que no Porto não vira uma só assuada á guarda municipal, como ha em Lisboa, á mais leve prisão que se faça n'um ajuntamento. Um dia, porém, a gente do Porto embirrou com a prisão de um homem pela municipal. Correu com tal tenacidade atraz da patrulha que esta precisou de se refugiar no quartel, d'onde teve que sair a cavallaria toda para dar uma carga sobre o povo. E isto não fôra um motim, fôra apenas a deliberação de um grupo de populares.

Em Lisboa grita-se «larga o prezo! Fóra a guarda!» mas apenas a patrulha faz menção de dar bordoada, desaparece o ajuntamento n'um abrir e fechar d'olhos.

O sr. Anselmo de Andrade conta factos que mostram igual tenacidade nos Barcelonezes. Assim, não querendo acceitar um imposto municipal sobre os bicos de gaz, juraram que nunca mais teriam gaz nas lojas emquanto se não desistisse do imposto. E assim foi, e o municipio teve de ceder.

Tarragona, a cidade das ruinas romanas, Murviedro que cobre com o seu nome obscuro o nome heroico da velha Sagunto, Carthagená, o porto militar hoje quasi abandonado, Valencia, com a sua deliciosa *huerta* viçosissima, cortada de canaes que distribuem a agua com uma regularidade maravilhosa, com os seus velhos costumes medievaes, com o seu culto fanatico por S. Vicente Ferrer; e finalmente Malaga, onde, segundo nos diz, já não ha *malaguenas* nem mulheres bonitas, todas essas cidades mediterraneas merecem ao sr. Anselmo de Andrade uma breve descripção, sempre tão característica e acertada, que duas linhas d'este livro bastam para nos dar uma rapida idéa do paiz que o viajante atravessou.

É chegamos á Andaluzia, onde o sr. Anselmo de Andrade vai visitar Granada, Cordova, Sevilha e Cadiz. Acompanhal-o-hemos ainda n'um ultimo capítulo, e não será de certo esta derradeira excursão a menos pittoresca das que temos feito em tão agradável companhia.

O sr. Anselmo de Andrade tambem conta os seus passeios a Aranjuez e a Toledo, mas são tão conhecidos estes sitios, que deixaremos o nosso interessante companheiro de viagem sem o seguirmos n'essas ultimas digressões.

PINHEIRO CHAGAS.

PAGÃ

Oh! beija-me papã! cinge-me o busto
no amplexo magestoso dos teus braços



DR. SANT'ANNA NERY

como do abeto altivo ao tronco adusto
se enrosca a hera em voluptuosos laços.

Dize que me amas muito, anjo venusto,
improvisa um amor nos olhos baços,
vida e calor no seio; e a todo o custo
funde esta magoa que me innunda a espaços

Tu vendes-te, bem sei, alma de gelo;
nunca pulsou em ti o ardente anhelo
do coração para uma luz mentida...

Mas que me importa esse pueril desejo
se me illudes, mulher, em cada beijo,
e é feita de illusões a minha vida?

JOSÉ NEWTON.

AS TRES GRINALDAS

(VARIACÕES SOBRE UM THEMA ANTIGO)

I

Idalina era uma encantadora pequerrucha de seis annos. Desde que lhe morrera a mãe, Idalina vivia na companhia do avô, um velhinho gracioso e sympathico, que morava com ella n'um grande palacete isolado e triste, cheio de grandes corredores melancolicos e de velhos salões, onde dormiam os retratos pallidos dos avoengos.

Graças a este meio tão cheio de tristeza, Idalina, a pequena creança de cabellos pretos tinha uma melancholia precoce que lhe enublava os seus olhinhos cor de amora.

A's vezes iam achal'a como que adormecida, com os olhos marejados de lagrimas e a boquita semi-aberta, n'uma grande contemplação indefinível...

O avô assustava-se muito com isto.

—Esta pequena ha de ser a minha desgraça, dizia elle. E tinha razão, o bom do velho.

Idalina era muito impressionavel, muito nervosa: de noite tinha sonhos que a enchiam de susto, que a faziam gritar pela noite adiante.

Foi n'um d'esses sonhos que ella avistou uma linda fada de olhos azues, com grandes azas brancas, cuja figura lhe recordava aquella Nossa Senhora de Lourdes que tinha á cabeceira.

—Que me queres tu, linda fada? perguntou Idalina.

—Quero ser a tua amiga, minha pequerrucha, respondeu-lhe aquella visão tão parecida com os anjos. Sou a fada das creanças que não teem mãe, e por isso, de hoje em diante, has-de-me encontrar sempre a teu lado para te consolar quando estiveres triste. Logo que tenhas a mais pequenina afflicção, chama por mim, que eu viréi immediatamente.

—E como te chamas tu, minha amiga?

—Clarisse, respondeu a fada.

Idalina despertou então: e Clarisse apenas a viu acordada, fugiu-lhe repentinamente.

Mas Idalina, a encantadora Idalina, nunca mais se esqueceu d'aquella appareição que a seguia para toda a parte.

II

Uma manhã, a triste pequena, que já tinha doze annos, apenas se levantou teve a triste noticia da morte do avô.

Chorou muito, muito, e no meio das suas afflicções, lembrou-se da fada, por quem começou a chamar:

—Clarisse! Clarisse!

—Que me queres tu? disse a fada, immediatamente.

—Estou muito triste, disse-lhe a pequenita: morreu-me a unica pessoa que me estimava e agora não sei o que ha de ser de mim...

—Socega, disse-lhe Clarisse. Quando tu nasceste, Deus, que me encarregou de vigiar por ti, deu-me tres grinaldas de fiôres, com a seguinte recommendação: —quando Idalina tiver um sofrimento qualquer, dá-lhe uma d'essas grinaldas e as suas tristezas acabarão immediatamente.

—N'esse caso, disse a pequena, dá-me uma d'essas grinaldas, porque estou afflictiissima.

—Aqui tens, disse a fada, collocando-lhe na cabeça uma pequenina grinalda de rosas brancas.

E no mesmo instante, Idalina, que estava tão cheia de amarguras, começou a alegrar-se repentinamente.

—Sabes para que é essa grinalda? perguntou-lhe a fada: é para a tua primeira communhão.

Effectivamente, quando d'ahi a alguns dias Idalina foi comungar pela primeira vez, enfeitou-se com as rosas que lhe dera a fada, e foi este o primeiro momento feliz da sua vida.

III

Annos depois, Idalina enamorou-se de um bello rapaz de cabellos loiros, que passava todos os dias á sua porta.

Ella gostava immenso d'elle, e o pobre moço, pelo seu lado, correspondia ardentemente aos seus affectos.

Mas a desgraça toda, foi a guerra de morte que o tutor de Idalina começou a fazer ao seu namorado.

Idalina soffreu muito, e Armando, o seu noivo, foi victima das maiores perseguições.

Um dia, Idalina, cansada do soffrer, chamou pela fada e contou-lhe as suas desgraças.

—Muito bem, disse a fada. As grinaldas que Deus me deu eram tres: já te dei uma, de modo que restam apenas duas. D'esta vez dar-te-hei a segunda, mas tem cuidado em poupar a terceira, porque é a ultima.

Dizendo isto, Clarisse deu-lhe uma grinalda de fiôres de laranjeira, uma formosissima grinalda nupcial.

E, graças a essa grinalda, o casamento de Idalina realisou-se d'ahi a tres dias.

IV

Passaram muitos annos. Nos primeiros tempos de casada, Idalina foi muito feliz. Mas depois, Armando, o seu marido, começou a embriagar-se, cousa que entristecia devéras a pobre rapariga.

Então, no meio das suas magoas, lembrava-se de Clarisse e tinha vontade de lhe pedir a ultima grinalda.

Um dia, Idalina soube que era atraíçoadá pelo marido.

Armando apaixonára-se por uma linda morgadinha, que morava perto, e já não se importava com a pobre Idalina.

Esta teve o desejo de matar a sua rival, mas como era bôa, perdoou-lhe.

Chorava noites inteiras pedindo a Nossa Senhora que a fizesse mais ditosa. Mas Nossa Senhora não lhe ouviu as preces, e a desgraça de Idalina foi crescendo.

Um dia, Armando ao voltar a casa completamente embriagado, maltratou brutalmente a sua pobre victima. Então Idalina chamou pela fada:

—Clarisse! Clarisse, vem-me soccorrer, dá-me a ultima grinalda.

A fada appareceu-lhe no mesmo instante, muito triste e muito pallida e collocou-lhe na cabeça uma grinalda de goivos funerarios.

Apenas esses goivos tocaram nos seus cabellos, Idalina morreu...

V

E foi essa ultima grinalda que lhe deu a verdadeira felicidade...

Lisboa, março de 1887.

EUGENIO DE CASTRO.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

O Xavier dos Cartazes

Conheci-o já velho. Era um homem de estatura mediana, mal trajado, e apparentemente triste.

O seu verdadeiro nome era Francisco Xavier Pereira da Silva, mas todos geralmente o conheciam só pelo Xavier; ou então



UM DESGOSTO

pelo Xavier dos Cartazes, ou ainda pelo Xavier dos Toiros. Estas duas ultimas designações populares provinham, de ser elle o conhecido e chistoso redactor dos cartazes dos toiros, que pejavam as esquinas das ruas em vespera de toirada, e que, reduzidos depois a programmas da festa, eram aos sabbados distribuidos com mão prodiga pelo bando ruidoso e maltrapilho, que sabia do Campo de Sant'Anna a annunciar aos amadores as proezas taumachicas do dia seguinte.

Francisco Xavier Pereira da Silva nunca de certo pensára, em rapaz, que a sorte o havia forçar a redigir cartazes, a trôco de alguns magros tostões; e menos ainda leval-o a morrer n'uma pobre enxerga do hospital de S. José.

Nascido em Lisboa a 23 de janeiro de 1797, de paes mais do que remediados de bens da fortuna, a sua carreira publica foi rapida, por que já em 1832, contando apenas 35 annos, desempenhava o logar de official da secretaria dJunta do Infantado, e era tenente de voluntarios realistas, o que prova a sua adhesão ao governo absoluto, a sua afeição pessoal ao sr. D. Miguel, que o galardoára com os habitos de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, quando ainda estas veneras não andavam tão malbaratadas como hoje, pelas lapellas das casacas dos negreiros e dos galopins eleitoraes.

Com a queda do governo do sr. D. Miguel, em 1833, foi Francisco Xavier Pereira da Silva demittido do logar que exercia na Junta do Infantado, e ficou reduzido á miseria até 1857, em que lhe foi concedido um magro titulo de renda vitalicia, e tão magro, que não o livrou de ir mais tarde morrer ao hospital.

Moço ainda, quando a desgraça lhe veio bater á porta, Francisco Xavier Pereira da Silva, em vez de cruzar os braços, como tantos que não sabem resistir aos baldões da fortuna, o fogoso tenente de voluntarios realistas, lançou-se resignadamente ao trabalho mas ao das letras, de todos o mais improficuo em Portugal, o mais paredes-meias visinho da miseria, e das mais dolorosas decepções.

Em 1837 fundou Francisco Xavier Pereira da Silva um jornal de instrucção e receio, intitulado o «Ramallete» contendo muitos romances originaes e traduzidos e tambem um crescido numero de artigos historicos e biographicos. O «Ramallete» viveu sete annos incompletos, e na sua duração, relativamente grande, consiste o maior elogio que se lhe pode fazer.

Publicava-se por esse tempo «O Panorama», o melhor semanario litterario que temos tido; e o «Archivo Popular», que gosava tambem de uma enorme popularidade, graças não só á barateza do jornal, como á sua indole desambiciosa.

A uniformidade de crenças politicas do redactor do «Ramallete» com as de Martins Bastos e Costa e Silva, levaram estes dois conhecidos escriptores a colloborar no «Ramallete» com uma certa assiduidade, publicando n'elle Martins Bastos uma serie de artigos intitulados «Historia do progresso e decadencia da lingua latina»; e Costa e Silva alguns estudos criticos biographicos e que não chegaram a ser encorporados no seu «Ensaio Biographico Critico» por dizerem respeito a auctores dos seculos XVIII e XIX, e não lhes ter chegado ainda a vez de cabimento no volume da obra de que Costa e Silva já encetara a publicação.

Antes porém do «Ramallete» ter deixado de existir, começára Francisco Xavier Pereira da Silva a publicar em 1841 um outro jornal, intitulado «Os Serões Recreativos», que durou apenas dois annos, não chegando mesmo a sobreviver ao «Ramallete» que se propunha substituir, segundo parece.

Desanimado com o resultado das duas emprezas jornalisticas que tentára, e apertado pelas mais urgentes necessidades da vida, dedicou-se ao theatro, e pode-se affirmar que foi elle o mais popular dos nossos auctores dramaticos do segundo quartel d'este seculo, embora a sua linguagem seja incorrecta, e carregado de mais o lapis com que são esboçadas as figuras das suas comedias.

Duas d'ellas, «O Morgado da Ventosa» e a «Velhice Namorada», não só ficaram por muitos annos no repertorio do theatro do Gymnasio, como tiveram a gloria, a segunda d'ellas principalmente, de pôr Taborda em evidencia, no caracteristico papel de procurador Simplicio da Paixão, com que o grande actor comico provocou a gargalhada do publico, identificando-se com o personagem que o autor delineára, e a que soubera dar um pronunciado sabor de portuguezismo. O Xavier foi tambem o applaudido auctor da comedia intitulada «Um arraial em Loures», que se representou no theatro de D. Maria II, e o traductor feliz do celebre melodrama «O Casal das Giestas», que fez por algum tempo as delicias dos frequentadores do theatro normal.

Mas o que deu celebridade ao Xavier foi a redacção dos cartazes dos toiros, que todes liam, que a todos obrigava a rir, pelas hyperboles proprias do genero, em que abundavam, e pelo tom comicamente pomposo com que eram annunciadas as corridas.

Causava-me tristeza o ver nas tardes das corridas dos touros o pobre velho sentado na bancada da frente da trincheira do lado da sombra, tomando um interesse de verdadeiro entendedor por tudo quanto se passava na praça, momentaneamente esquecido das suas passadas prosperidades, e das suas miserias presentes!

Não por mal cabida vaidade, mas por uma justificada gratidão á memoria do principe que o galardoára, o Xavier nunca ou

quasi nunca deixava de usar o habito de Christo, protestando assim silenciosamente contra o seu adverso destino.

O Xavier morreu em 1866, com sessenta e oito annos de idade, tendo passado metade d'elles na abundancia, e a outra metade trabalhando obstinada mas infructiferamente para obter os meios de subsistencia, que de todo lhe vieram a faltar no fim da vida!

O jornal «A Nação» commemorou com sentidas phrases a morte do seu correligionario, no dia immediato ao seu passamento (a) e o «Jornal do Commercio», dando a mesma noticia aos seus leitores, terminava lastimando: «que tivesse sido lançado á valla um homem de merecimento, que pelo menos tinha direito a dormir o ultimo somno no jazigo dos actores e auctores dramaticos.

L. A. PALMEIRIM.

(a) Vide «A Nação» n.º 5:491 do 1.º de maio de 1866.

AS NOSSAS GRAVURAS

CARDEAL JACOBINI

O cardeal Luigi Jacobini, ha pouco fallecido em Roma, nasceu aos 5 de janeiro de 1832 em Genzano. Fez os seus estudos em Roma, e distinguio-se n'elles por tal forma, que mereceu ser nomeado, ainda muito novo, secretario da Propaganda para os negocios do rito oriental.

Em 1857 deram-lhe a nomeação de canonico lateranense, e de 1859 até 1868 conservou-se addido á secretaria d'Estado no Vaticano.

Em 1860, o Papa escolheu-o para levar o barrete cardinalicio ao arcebispo de Compostella e de Burgos, e á volta nomeou-o Prelado domestico.

Em 1869 exerceu as funções de sub-secretario no Concilio do Vaticano.

O papa Leão XIII, apreciando os grandes meritos d'este Prelado, fel-o arcebispo de Thessalonica, em março de 1874, e nomeou-o ao mesmo tempo, nuncio apostolico em Vienna.

Taes provas de talento deu monsenhor Jacobini, no exercicio d'este cargo, que o Summo Pontifice chamou-o para junto de si e fel-o cardeal do titulo de Santa Maria da Victoria, confiando-lhe pouco depois as altas funções de Secretario d'Estado e administrador dos bens da Santa Sé.

Monsenhor Jacobini era, tambem, Prefeito da Sagrada Congregação Lauretana e fez parte das Congregações da Santa Inquisição Romana e Universal, dos Bispos e Regulares, da Propaganda para os negocios orientaes, do Ceremonial, dos negocios ecclesiasticos, dos estudos, etc.

SANT'ANNA NERY

O distincto jornalista brasileiro, dr. Frederico José de Sant'Anna Nery, cujo retrato publicamos, é hoje uma das individualidades proeminentes do Brazil.

Reside ha muitos annos em França, onde é como que o portavoz, o interprete de todas as glorias do seu paiz.

Na sua individualidade, é esta, incontestavelmente, uma das phases mais interessantes e sympathicas.

Deve mais o Brazil a este ausente do que a muitos dos nomes gloriosos da sua politica militante e da sua litteratura.

Sant'Anna Nery é doutor em direito pela Universidade de Roma e bacharel em letras e sciencias pela Universidade de França.

As suas primeiras armas como jornalista e escriptor foram feitas quando contava apenas 22 annos. Em 1867, Gambetta nomeava-o correspondente, em Roma, do magnifico jornal *La République Française*, ao mesmo tempo que o famoso chefe radical Carretet o nomeava correspondente da *Patrie*, de Genebra.

Devemos acrescentar, porém, que não foi em nenhum d'estes jornaes o seu debute, mas no jornal italiano, *Speranza*, de que é redactor em chefe. O fim d'este jornal é congregar os esforços de todos os catholicos que resistissem á infallibilidade papal.

Em 1872, por occasião do casamento do celebre padre Jacintho Loyson, Sant'Anna Nery deixou a redacção da *Speranza* e declarou ruidosamente que se separava dos velhos catholicos.

Sahe então de Roma e faz uma viagem pela Europa, que percorre toda durante dois annos. Em 1874, instalando-se em Paris, é nomeado definitivamente correspondente do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

A datar d'alli, desdobra-se pasmosamente a actividade intellectual do moço jornalista.

Seria longa a ennumeração dos serviços que elle prestou á Associação Litteraria Internacional, de que foi um dos directores e de que era presidente Victor Hugo.

Na sessão da inauguração do congresso, realisada no *Chatelet*, cabe-lhe a elle, um estrangeiro, fallar depois de Victor Hugo, Jules Simon e Edmond About, e de tal forma se desempenhou da missão official e honrosa, que o Boletim da Sociedade dos homens de letras, disse do seu discurso que «elle fallara da França com coração francez e em linguagem franceza.»

Por essa occasião ficou por assim dizer famoso o beijo com que o velho Hugo, deixando a sua cadeira, o sagrou na frente, no meio dos applausos de trinta mil pessoas.

Em Londres é Sant'Anna Nery o escolhido para representar o Congresso Internacional Litterario, e em nome da associação profere um discuso que é o unico de litterato estrangeiro que o *Times* inseriu nas suas columnas.

Voltando a Paris, é eleito vice-presidente do congresso, e Julio Ferry, ministro da instrucção publica, nomeia-o official da Academia.

Realisa então uma serie de conferencias, inaugurando as da associação na sua séde social, e é convidado para fazer uma prelecção no curso da rua Richelieu, sendo o unico estrangeiro a quem foi concedida a honra de fallar perante aquelle auditorio, a que só são admittidas senhoras e meninas das primeiras familias francezas e onde só fallavam notabilidades litterarias ou scientificas, como Ferdinand de Lesseps, Henri Martin, etc.

A celebração, em Paris, do tricentenario de Camões, pode dizer-se que foi devida aos esforços de Sant'Anna Nery, que teve um collaborador valioso, o poeta Mendes Leal, então nosso ministro em França.

Realisou diversas conferencias sobre Camões e os *Lusiadas*, sendo então agraciado pelo governo portuguez com a commenda de Christo.

Organisa em 1880 o primeiro banquete patriotico para celebrar o anniversario da independencia do Brazil, fundando-se por essa occasião a *Sociedade de Beneficencia Brazileira*.

Em 1882 foi o illustre brazileiro visitar o seu paiz, d'onde estava ausente havia 20 annos, e S. M. o Imperador nomeava-o official da Rosa, sendo tambem depois nomeado cavalleiro da Legião de Honra pelo governo francez.

Fundador e principal redactor do jornal, *Le Bresil*, destinado a defender os interesses do grande imperio americano, Sant'Anna Nery continua ahi brilhantemente a propaganda encetada desde creança a favor do seu paiz.

Nos varios jornaes que tem redigido ou em que tem collaborado, *Jornal do Commercio*, *Liberta*, *Journal de Rome*, *Patrie*, *Republique Française*, *Paris*, *L'Opinion*, *Le Figaro*, *Society*, *Le Bresil* e outros, é elle o propugnador infatigavel de todos os interesses e de todas as glorias da sua patria.

Tambem é vasta a collecção das suas obras, destacando-se entre ellas o notavel livro, *Le Pays des Amazonas*, que é, ao mesmo tempo, um vasto repositorio de erudição e de patriotismo.

Agora mesmo, Sant'Anna Nery, depois de se ter demorado apenas oito dias em Lisboa, partiu em viagem para o Amazonas, em busca de elementos ethnographicos para o seu novo livro, *Le Folk Lore Brésilien*, prefaciado pelo principe Roland Bonaparte.

UM DESGOSTO

A sua companheira, o seu ai Jesus era aquella boneca de trapo, muito mal enroupada e muito mal feita. Queria-lhe bem, adorava-a com toda a sua alma.

Mas um bello dia, tantos abraços lhe deu, tanto fez, tanto puxou, que a pobre boneca ficou sem cabeça, horrivelmente mutilada, n'aquelle estado lastimoso que veem.

E' por isso que ella, a endiabrada *Néné*, chora lagrimas como puuhos, com a cabecita encostada áquelle muro frio, n'uma attitude de quem soffre o maior de todos os desgostos.

Pobre *Néné!* Se fosses de carne e osso, já eu a estas horas teria enxugado essas lagrimas, fazendo-te presente d'uma outra boneca, mil vezes mais bonita.

DESCIDA DO BALÃO, «VILLE DE ORLÉANS», NO MONTE LID, NA NORVEGA

A mais commovente, a mais extraordinaria viagem aerea feita no tempo do cerco de Paris, em 1870, é incontestavelmente que a fizeram Paulo Rolier e Bezier, a 24 de novembro d'aquelle

anno, no balão-correio *Ville de Orléans*, pelas 11 horas e 40 minutos da noite.

Depois de estarem 14 horas suspensos na athmosphera, onde correram perigos enormes, os dois intrepidos viajantes desceram, arrastados por uma corrente rapida, no monte Lid, na Noruega, a 1:600 kilometros de Paris.

Esta extraordinaria travessia aerea será archivada como um dos factos mais dramaticos da historia dos aereostatos.

A nossa gravura representa os dois aereonautas já fóra do balão, no monte Lid, agradecendo ao ceu, de joelhos, a suprema ventura de os ter salvo.

FRANCISCO ROCCHINI

Francisco Rocchini, o habilissimo photographo que toda a gente em Lisboa conhece, nasceu na Italia em 1822.

Nos seus primeiros annos dedicou-se á marceneria, e em 1844 foi para Roma, onde travou conhecimento com o cardeal Di Pietro, internuncio apostolico em Portugal, espirito illustradissimo e bastante dedicado ás artes.

Foi o illustre prelado quem dispertou no animo de Francisco Rocchini o proposito de vir para Portugal, o que succedeu no anno de 1847.

Em 1851 dedicou-se ao estudo da arte *Daguerreotypo*, sob a direcção de um artista francez.

Em 1853 começou os seus trabalhos em photographia, e com tanta perseverança e aproveitamento, que em poucos annos o seu nome era indicado como o de um photographo distincto e conhecido em todo o paiz e varias capitães estrangeiras.

Para todas estas fez trabalhos por conta do governo portuguez, e expoz outros da sua iniciativa. Na exposição de Vienna em 1873, obteve Rocchini, pelos seus bellos trabalhos photographicos, diploma de menção honorifica; na de Paris, em 1878, teve diplomas com medalha de bronze, e na do Rio de Janeiro, em 1879, diploma com medalha de prata. Concorreu tambem á exposiçãe que no passado se realisou no Porto, obtendo diploma honroso e medalha de ouro.

Ainda que a sua saude tenha soffrido bastante n'estes ultimos annos, Rocchini continua á frente da sua casa, o magnifico *atelier* a S. Pedro de Alcantara, visitado por quantos presam a arte photographica.

DUENDES

Duendes... tu acreditas
Em duendes, meu amor?
Tu crês em sombras malditas
Lançando fogo em redor?!

Dizer que ao surgir a lua,
Das montanhas do oriente,
Pelo teu quarto fluctua
Uma luz vaga, tremente...

Mas vê bem, minha medrosa,
Que tu és nova e tens fé.
Talvez que seja outra cousa,
Mas duende é que não é,

Se fosses descrente, sim;
Ou criminosa, talvez:
O tratante do Caim
Viu phantasmas muita vez.

Mas o que via, o malvado,
Era a propria consciencia;
Porém tu... botão fechado,
Cheia de casta innocencia!

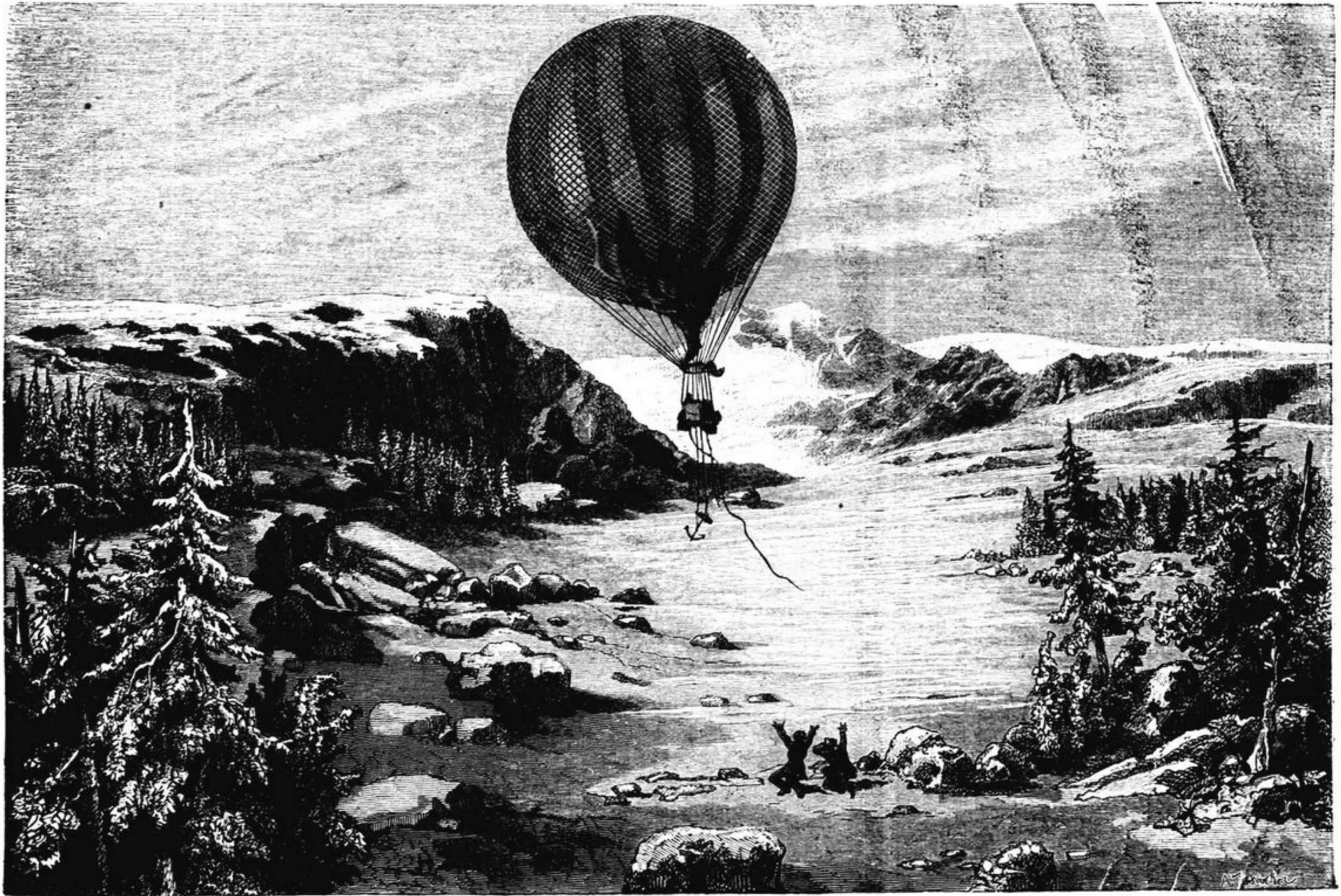
Deixa-te d'isso, creança,
O que tu viste a brilhar
Foi talvez a luz da esp'rança
Que te quiz ir visitar.

Eu tambem, ha muitos annos,
Vi d'essas aparições;
Pouco a pouco os desenganos
Mataram-me as illusões!

Nem te digo o que soffri,
Por isso, filha, desejo
Que a luz que viste, p'ra ti
Nunca apague o seu lampejo.

E enquanto ás almas penadas,
E mais coisas que me contas,
Que trazem sempre atteradas
As velhas feias e tontas,

Os mortos, passaram já
Por este mundo... e afinal
Quem sabe quanto isto vale,
De certo não volta cá!



DESCIDA DO BALÃO «VILLE D'ORLÉANS», NO MONTE LID, NA NORUEGA

O ISRAELITA

Eil-o, por entres mares, no meio das cidades, atravez dos desertos ou das montanhas, sempre negociando e sempre mal visto em toda a parte, não tendo verdadeiros amigos.

Tal é o judeu, ente mysterioso que assistiu durante seculos, esperando, ao desmoronar das civilizações passadas, e agora sem lar e sem patria, trazendo apenas impressa na fronte a palavra condemnatoria do martyr do Calvario.

Que força foi essa a proteger-te outr'ora, quando os imperios fabulosos da antiguidade oriental, curvando a cerviz ante as insondaveis leis do destino, desceram aos abysmos do nada para só transmittirem á posteridade, embora aureolados, os nomes dos seus heroes?

Como podeste atravessar eras calamitosas de guerra e devastação sem jámais, como outros tantos povos, desapareceres no labyrintho das convulsões sociaes? Como? Differias dos demais homens na organização muscular? Fôra-te dada superior intelligencia? Não. Devia da tua raça sahir o sublime evangelizador da especie humana, e era necessario que á voz do crucificado, por tijdesconhecido, levasses, ainda que como ferrête, a prova eloquentissima da virtude do Messias.

Um dia, ha seculos, indo banhar-se as aguas de um rio Egypcio a filha do seu rei, arrancou á morte certa um menino recém-nascido. Notavel coincidência: salvanço, infringira leis de seu proprio pae.

Ao tempo, obedece, humilde, folha e montanha, insecto e bronze. Por isso, a creança restituída á vida por Thermutis, sujeita como tudo o existente ás evoluções do organismo, tornárase homem.

Passára a infancia habitando regioes alçaçares; mais tarde, já adulto, encolerizado á vista do assassinato d'um seu compatriota, derrubou, para não tornar a erguer-se, o soldado que commetteu o crime.

Tão prompto castigo, valeu-lhe vér-se obrigado a retirar-se ás serranias. Trocou o palacio pela cabana. Fez-se pastor. Attrahira-o a magestade; amou as sombras da solidão.

N'aquella alma ardente havia crenças, n'quelle cerebro exaltado morava o genio. A espiritos de tal quilate basta leve impulso para se tornarem soes.

Este, impelliu-o Deus. E Moysés, giganteo vulto que no batel de universal admiração tem atravessado o vasto oceano de mais de 30 seculos, astro luminoso ainda scintillante nos dilatados horisontes da Historia, um como centro fixo em torno do qual voltêam gerações de sabios, levantando-se da terra onde ajoelhára em frente á memoravel sarça, por sua vez communicou movimento ao povo havia tanto abatido sob o jugo de Pharaó, ao Hebreu.

Correm as eras.

Apoz Moysés, vêm outros predestinados; na penumbra do tempo assoma o anno 4004.

O Egypto não acclama Sesostris e os heroes que viu nascer, porque já todos descançam á sombra das Pyramides. A Assyria e Babylonia não ostentam galas, porque a formosa Semiramis é habitadora d'um sepulchro, e o fraco Balthasar foi surdo ás exhortações do inspirado decifrador das palavras fatidicas que vira em seus festins.

Da Média e Persia já nada assusta, porque Cyro dorme eterno somno, embalado pelos tropheus de Tymbréa, e os soldados da Grecia vão passando sobre as campas de seus ultimos successores.

A Phenicia, collocada entre os altos cedros do Libano e o branco lençol de espumas do Mediterraneo, tambem não percorre mares nem possui emporios de commercio, porque apenas agourentas aves terão morada em Sydon e Tyro arruinadas. Os proprios Judeus, livres do captiveiro, já não saúdam Salomão propheta e rei, ou escutam attentos as notas disferidas na harpa incomparavel do pastor David, porque mais graves pensamentos os trazem na expectativa e são presa da morte os corpos de seus maiores.

Até a rainha do Adriatico, patria do bello e do discipulo de Aristoteles, conquistadora da Asia e chave de sciencias, tem curvado a altivez, como a republica da soberana Dido diante da aguia que impavida cumpriu as ordens da deusa do Tibre, tocando com suas azas nas fortificações de Carthago, nas muralhas de Sparta e nas torres de Athenas.

Corria o mez de dezembro do mencionado anno. Entre as populações da Judea manifestára-se estranha anciedade.

Reinava Augusto. De repente, fecha-se o Jano, fogem os legionarios, embainhadas as espadas, dos campos de batalhas, e no meio do mais profundo silencio de que fazem menção os fastos da humanidade, nasce n'uma gruta o Salvador do mundo! Mas, extraordinario delirio no existir de 6:000 annos que a creatura tem quasi: o Christo é condemnado. Por quem? Pelos romanos? Não; pela industriosa malicia de seus mesmos concidadãos.

Aberração terrivel da natureza racional, que talvez em feras se não encontrasse! Inexplicavel cegueira que fez ouvir ao

justo um «vae-te» desastroso! Eis, Judeu, a tua historia. A'vante! Não te odeio, respeito-te: não te amaldiçoão, lamento-te. No fim de tudo, és meu irmão.

FRANCISCO DE NORONHA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

O homem tem a ave no pé—1—2.
Temos de madeira um peixe—2—1.
Não sou instrumento de dados, mas sim arma—1—1—1.
Na cidade de Leão ha um insecto—1—2.
A medida viu-se em apertos e nas plantas—1—2.
Em Roma ha uma fructa e uma ave—2—2.
A athmosphera não é boa na guerra—1—1.

Vizeu.

ANTONIO DA COSTA FIGUEIREDO.

CHARADAS EM VERSO

Como agradecimento, aos eximios charadistas,
Antonio de S. Franco e Matheus Junior

Oh! Deus do céu! Que diluvio
De charadas off'recidas
Ao «Pequeno»!
Saiu do leito o Danubio?
Ou serão aguas fugidas
Lá «do Rheno»?—1.

Não sei; mas alguém me diz,
Um amigo dedicado,
O Alfredo,
Que se trama no paiz,
Em sentido figurado,
Um enredo!...—3.

E, quem sabe?! Talvez seja
A causal d'estas offertas,
Sympathia;
Que o *bom nome* na peleja,
Batalhando ás descobertas,
Sempre cria.

Vizeu.

PEQUENO ANTONINO.

E' instrumento
Minha primeira;—1
Interjeição
A derradeira.—1

O todo d'esta charada
E' uma ave e mais nada.

Vizeu.

ANTONIO DA COSTA FIGUEIREDO.

CHARADA CONIMBRIENSE

Retribuição, ao distincto charadista Matheus Junior

1.ª horisontal... }
Móro em varios continentes,
Em praças fortificadas.
Móro até no fim do mundo,
Tenho, emfim, varias moradas.

2.^a horizontal... { Em tempos que já lá vão,
Nas guerras eu fiz figura.
Hoje, porém, que desdita!
Nada sou... nem armadura!

1.^a vertical... { Por isso, no abandono,
Infeliz, choro e lamento
A fatal occasião
Que me tornou em fragmento

2.^a vertical... { Occupam-me em dois mistéres:
Sirvo para resguardar,
Ou, então, sirvo tambem
A' vezes, p'ra castigar.

1.^a diagonal... { Sou respeitada, pois ando
Sempre armada de punhal.
Affagada sou por muitos,
Tenho de ferro um pedaço.

2.^a diagonal... { Diremos para remate
D'esta já longa charada:
A ultima diagonal
Ser tambem pode offertada.

Porto.

M. M. & M.

Logogrifo

(A' ex.^{ma} sr.^a D. Casimira Leitão)

E' ave, 3, 2, 1, 4
E' ave, 1, 4, 3, 2
E' ave, 3, 4, 1, 2

Da africa é ave

Porto.

REI CHIQUITO.

Decifrações

DAS CHARADAS EM VERSO :—Amendoeira —Chacal.
DA CHARADA-MAPPA:

Ta	ba	co
ba	cu	lo
co	lo	no

DO LOGOGRIFHO:—Nostalgia.
DOS ENIGMAS:—Cravo—Bisca—

Quando ao romper d'aurora eu vejo deslumbrante,
Surgir placido o sol em manto de fulgor;
Só julgo vér então a minha doce amante,
A erguer-se do seu leito, affavel, palpitante,
E vir-m' acalantar ao sol do seu amor!...

A BIR

Dois pensamentos d'um philosopho:
Nas obras dos outros, o tolo procura os defeitos, e o sabio as bellezas.
Um pateta pode pensar algumas vezes, m^{as} sempre segundo a sua toleima.

Um rapaz intelligente, mas feio á sua vontade, ouve dizer de si, a varias pessoas que o seguem:

—Que monstro! Parece um Esopo!
Sem se desconcertar, pára um instante, e responde-lhes, voltando-se para a rectaguarda:
—Teem razão, pareço-me com Esopo, porque faço calar as bestas!

UM CONSELHO POR SEMANA

ADUBO PARA ROSEIRAS

E' excellente para a sua rega a agua de sabão das lavagens. A maior ou menor quantidade de potassa, que elle possui, é não só um dos principios que mais favorece o vigor d'aquellas plantas, mas tambem um poderoso insecticida, que destroe o pulgão que as costuma atacar. A sua applicação, estendendo-se á parte aerea da planta, basta effectuar-se uma ou duas vezes por semana, durante a primavera.

A MATHILDE DO PADRE

Toda a gente sabia que a Mathilde era filha do padre cura, que lhe queria como ás meninas dos seus olhos. Ella tambem, era o vivo retrato d'elle. Os mesmos olhos pretos, as mesmas sobrelhas carregadas, o mesmo nariz grosso, e ainda por cima de tudo isto, um buço.

Mas o padre, um alentado e corajoso ilheu, apresentava-a como sua sobrinha, filha natural de uma irmã já fallecida.

As más linguas, que sempre as ha em toda a parte, mesmo na ilha das Flôres, cortavam-lhe amplamente na batina; mas diante d'elle, eram todas respeito e venia, porque o padre José do Amaral não era para graças. Homem de pulso, não tinha duvida em despedir uma cajadada, com o seu bordão de pastor espirital, sobre a lombada dos incredulos e protervos.

Ne meio de tudo isto, era bom cidadão, e a sua casa e celeiro estavam sempre á mercê de quem o procurasse com verdadeira necessidade.

Ha muitos exemplares d'estes ecclesiasticos nas ilhas, e muitos filhos de lavradores não teem por deshonra casar com uma filha de padre. A «brandura dos nossos costumes», leva-os a comprehender perfeitamente que o padre é feito de carne e osso como os demais homens, e que no seu peito, aberto ás largas e generosas aspirações psychologicas, não pode deixar de ter um culto mais ou menos profundo, esse prazer da alma—o amor. Como hade elle comprehender as abnegações da mãe, da esposa e do amante, sem nunca ter sentido bater o coração ao impulso de um doce sentimento?

Ah! antigamente ainda havia o recurso do convento, esse tumulto dos vivos, onde ia sepultar-se entre o burel e o claustro, mais de uma illusão, Triumphava então a disciplina; mas hoje?...

A nossa Mathilde fôra creada e educada com todo o esmero que é possível n'uma terra desprovida de professores. Ensinou-lhe o padre a ler, escrever e contar. Mas a ilha das Flôres, mercê da sua excepcional situação geographica no meio do oceano...

no Atlantico, collocada a meia derrota entre o novo e o velho mundo, é extremamente visitada pelos navios americanos, e todos os mancebos validos emigram para as republicas da America. D'ahi, um forte sopro de liberdade que percorre todas as montanhas, insufflando-se em todos os peitos varonis. Devido a esta circumstancia, o cura era um bom liberal. Via largo.

Um dia, porem, morreu de repente. Compleição robusta, caiu fulminado como o cedro do Libano, por um raio. N'este caso, o raio foi uma apoplexia.

A situação da pequena, tornou-se medonha; porque não tendo elle feito testamento e não estando ella reconhecida como filha da irmã, a sua posição collocou-a á mercê dos parentes do reverendo, que a expulsaram de casa, apesar de saberem que era filha natural, não da irmã, mas do padre.

Que fazer?

A Mathilde tinha herdado o character e a energia do padre; não hesitou um momento. Emigrou para a America. Tinha então 20 annos.

Estava-se no periodo activo da guerra separatista, e, federados e confederados, dilaceravam-se mutuamente á sombra do pavilhão estrellado.

Mathilde entendia o inglez. N'aquelle tempo, todos os emigrantes eram poucos, porque a guerra tinha arrancado das cidades grande numero de individuos. Via-se um espectáculo extraordinario: as mulheres substituindo os homens em muitos misteres da vida social.

Os açorianos, sempre foram muito estimados na grande republica, mercê do seu character pacifico e predisposição para o trabalho. A Mathilde foi logo admittida como creada n'um hotel de primeira ordem, n'uma cidade importante.

Um dia a cidade foi sitiada, bombardeada e tomada pelo general Grant, e o hotel foi posto generosamente, pelo seu dono, com todo o seu pessoal, á disposição dos feridos. Ia n'isso tambem o seu interesse e conservação.

A Mathilde, que já fallava correntemente o inglez, foi uma heroína de dedicação, alliando a promptidão com que dava os remedios, ás exhortações christãs, assumpto em que ella era forte, o que não era para desprezar, tratando-se de americanos, assíduos leitores da biblia.

Particularmente interessou-se a rapariga por um velho official, ferido gravemente por 3 balas, homem de uma constituição delicada e que necessitava de desvelados cuidados para poder resistir e lutar victoriosamente com a morte.

O enfermo estava prohibido de fallar, mas vingava-se, apertando reconhecido a mão da joven, n'essa linguagem muda de um pobre doente, longe da familia, entre gente desconhecida.

Devia em todo o caso ser um official d'alta graduação, porque a sua farda, pendente á cabeceira, tinha bastantes estrellas d'ouro nos canhões e na golla. O dono do hotel tratava-o com a maxima consideração, porque estava garantido do pagamento da conta pelo governo.

Melhorou a pouco e pouco o velho, e o seu primeiro cuidado, apenas pôde desferrujar a lingua, foi pedir á sua enfermeira que lhe revistasse as algibeiras da farda e lhe desse tudo o que lá encontrasse.

Declarou a Mathilde que, não considerando em segurança no quarto, tudo o que encontrara nas algibeiras, o fôra depositar nas mãos do dono do hotel, mas que o ia chamar. Compareceu este e fez entrega ao enfermo de todos os seus papeis e dinheiro, que elle achou exactos.

Admirado de tanta honradez e tino em tão verdes annos, inquiriu de Mathilde a sua historia, que ella promptamente satisfez. Então o official, agarrando com mão tremula um punhado d'aguias (*moedas d'ouro*), offereceu-as á rapariga, que recusou energicamente, quasi com indignação, receber recompensa do que ella chamava singellamente: o seu dever.

Curvou o official a cabeça, profundamente pensativo, e depois, encarando fixamente a rapariga, disse-lhe:

—Minha filha. Eu sou o coronel d'engenharia, Ivan Rilley, do estado maior do general Grant. Tenho uma fortuna muito razoavel no Illinois. Sou solteiro e não tenho parentes. Nunca na minha vida amei senão a sciencia, e sempre considere as mulheres pelo lado amoroso, como um passatempo frivolo e proprio de poetas e

ociosos. Mas o seu procedimento a meu respeito, tão desinteressado, denota uma excepcional organização de bondade nativa, devido certamente ao suave clima dos Açores e ao meio em que viveu e foi creada. Vou sair d'aqui e voltar para os azares da guerra. Talvez não nos tornemos a ver... Mas o que vae ser da menina, só, ignorante do mundo, n'um paiz desconhecido e convulsionado até ás entranhas? Teria eternamente remorsos a seu respeito...

Mathilde escutou, com a admiração estampada no rosto, este discurso, o que fazia sorrir o velho official.

—Vou propor-lhe uma cousa, continuou elle, mas diga-me primeiro... Não tem nenhuma d'essas affeições tão naturaes na sua idade? Não ama alguém?

E como ella acenasse com a cabeça, negativamente, o official completou o seu pensamento.

—Digo, se não tem o seu namorado... as suas vistas.

Mathilde fez um gesto de horror, tão comico, que o coronel desatou a rir francamente, como um bom e verdadeiro yankee.

—Pois senhores, está dito! exclamou elle com alegria. Vai ser minha esposa. E' a maneira de lhe assegurar o seu futuro e de eu adquirir uma boa enfermeira para o resto dos meus dias. Se eu morrer na guerra, fica minha viuva e minha herdeira; se escapar, feita a paz, vamos até á sua terra apertar a mão a esses bravos ilheus. Hein? Que lhe parece o meu plano?

A Mathilde estava bastante commovida e replicou apenas:

—Eu não sou digna de si. Sou uma simples creada.

—O coronel encolheu os hombros.

—Esquece-se de que está no territorio da republica? No paiz da egualdade; e que a celebre phrase de Christo: «Os ultimos serão os primeiros», nunca teve tanta razão de ser como aqui?

—Faça-se o que o sr. quizer, tornou singellamente a pequena.

—Então, consente?

A Mathilde fez signal affirmativo.

* * *

No fim de 6 mezes a guerra tinha terminado e o coronel achava-se completamente restabelecido e promovido a general. Celebrou então o seu casamento, partiu em seguida para os seus dominios, e tendo posto em ordem os seus negocios, embarcou para a ilha das Flores, acompanhado da sua joven esposa, rica e feliz.

A navegação entre os Estados Unidos e as ilhas é feita em navios de vela, e todos sabem que o mar dos Açores é tão terrivel como o do cabo tormentoso de que falla Camões.

O navio acoçado por um espantoso vendaval, foi desfazer-

se de noite, d'encontro aos agudos recifes da costa, quando procurava o porto d'abrigo natural que existe na ilha.

Pela manhã, tendo abrandado o vento, estando mais tranquillo o mar, e doirando o sol os destroços da embarcação, foram arrojados á praia, entre outros, dois cadaveres estreitamente abraçados! Eram um homem velho e uma joven.

Chegou a auctoridade, tomou conta d'elles, e depois de os desabraçar, o que custou bastante, examinando-lhes as algibeiras, encontrou papeis que punham tudo a claro. Estava-se diante dos cadaveres do general americano Ivan Rilley e de sua esposa D. Mathilde do Amaral Rilley. Este nome portuguez, junto ao retrato que se encontrou n'uma grande medalha d'ouro ao pescoço do velho, entre a camisa, revelou a toda a gente a identidade da *Mathilde do padre*.

Soube-se logo pelo consul que o Ivan tinha grande fortuna e que não tinha parentes. E como a Mathilde não fôra reconhecida como herdeira do cura, os parentes d'ella não tinham direito áquella bella herança, que revertia toda para o governo americano.

Esta nova fatal, dada pelo consul, todo impertigado no exercicio das suas funcções, aos herdeiros do cura e parentes da infeliz rapariga, fez-lhes curvar a cabeça e conhecer, com desespero, que *tudo se paga n'este mundo*.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



FRANCISCO ROCCHINI